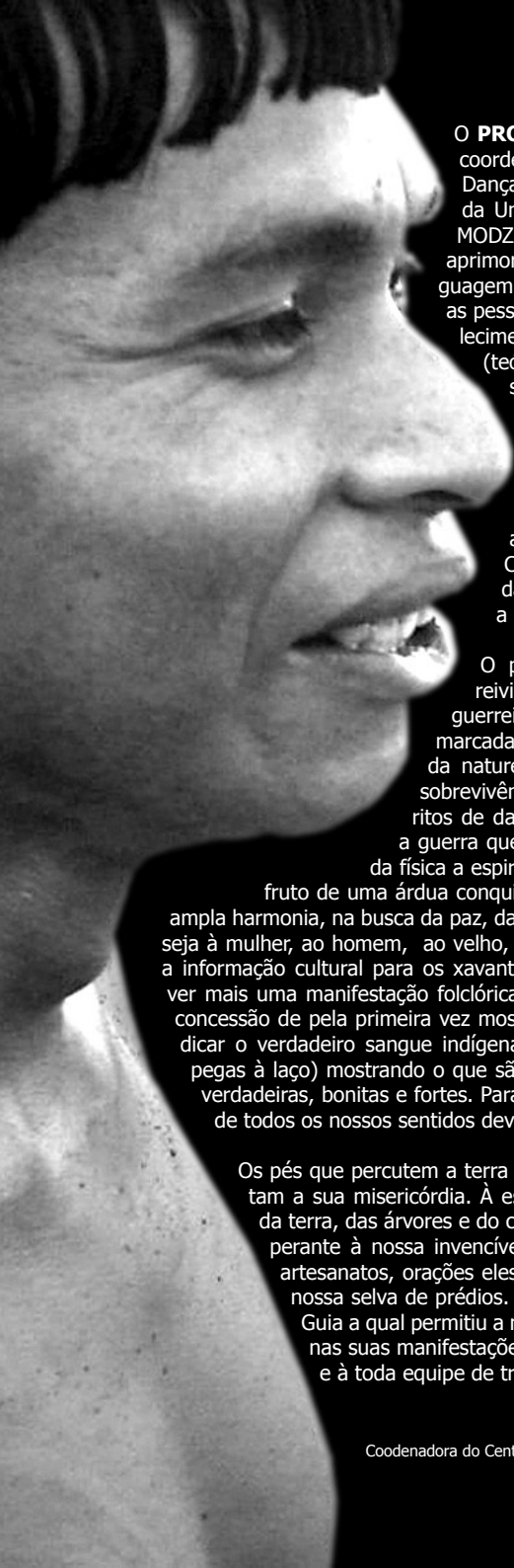


A close-up portrait of a young man with dark hair and a serious expression. He is wearing a red garment that covers his chest and shoulders, which appears to be traditional body paint. The background is dark, making the red paint stand out.

**DANÇA DA
GUERRA DO
POVO XAVANTE**

**TSERETOMODZATSÉ
XAVANTE**



O PROJETO DANÇA DA GUERRA DO POVO XAVANTE

coordenado pelo Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia, do Departamento de Artes Cênicas da UnB em parceria com o Instituto Indígena TSERETO-MODZATSÉ XAVANTE, é mais um esforço no sentido de se aprimorar um centro de reflexão teórico/prática sobre a linguagem da dança na Universidade de Brasília que envolva as pessoas interessadas nessa linguagem, visando o estabelecimento de uma linha de pesquisa no registro e estudo (teórico/prático) das danças de resistência da cultura brasileira inseridas em contexto universal. Para o desenvolvimento desse projeto recebemos um patrocínio da Caixa Econômica Federal, o qual foi fundamental para o reconhecimento dos resultados do intercâmbio de linguagens de dança hora apresentados, assim como foi de fundamental importância o apoio da Vice-Reitoria da UnB, da Fubra, do Conjunto Cultural da Caixa, do Memorial dos Povos Indígenas, da Funai e do Ibama DF na parceria de trabalhos para a realização desse evento.

O povo Xavante é conhecido pelas suas campanhas reivindicativas, assim como por sua cultura de resistência guerreira. Essas estratégias políticas, de uma sociedade marcadamente dualista em suas concepções do homem, da natureza e do espírito, sinalizam o princípio didático de sobrevivência da in-formação na realização estética de seus ritos de danças e cantos de resistência corporal. Desse modo, a guerra que se estabelece, é a guerra pela sobrevivência, além da física a espiritual e a cultural, na qual o alimento é antes de tudo fruto de uma árdua conquista na lei da sobrevivência natural, inserida na mais ampla harmonia, na busca da paz, da integração com a natureza e no respeito ao coletivo, seja à mulher, ao homem, ao velho, à criança, ao adolescente. O comprometimento com a informação cultural para os xavantes é grande, e não pensem vocês que apenas irão ver mais uma manifestação folclórica. Esses guerreiros, embora tendo feito uma grande concessão de pela primeira vez mostrar em público danças rituais sagradas, vêm reivindicar o verdadeiro sangue indígena do povo brasileiro (das nossas bisavós, tataravós pegas à laço) mostrando o que são as nossas raízes ancestrais, como são orgulhosas, verdadeiras, bonitas e fortes. Para ouvirmos esse gesto tão impressionante, a atenção de todos os nossos sentidos deve concentrar-se principalmente no coração.

Os pés que percitem a terra e nela depositam o seu sangue de guerreiro despertam a sua misericórdia. À esse chamado espíritos misteriosos, vindos do centro da terra, das árvores e do céu vêm proteger esses povos, tão frágeis e delicados perante à nossa invencível sociedade tecnológica. Com seus cantos, danças, artesanatos, orações eles nos convidam a olhar o sol e a cantar a lua, nessa nossa selva de prédios. Obrigada à comunidade da aldeia Nossa Senhora da Guia a qual permitiu a minha participação como dançarina Waradzu (branco) nas suas manifestações coreográficas de um Auw? Uptabi (povo autêntico) e à toda equipe de trabalho sem a qual não seria possível essa realização.

Soraia Maria Silva

Coodenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia/ CEN/IdA/UnB

A DANÇA OCIDENTAL E AS SOCIEDADES INDÍGENA

A partir da publicação do artigo "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras" (1979) de Anthony Seeger, Roberto da Matta, e Eduardo B. Viveiros de Castro, vários pesquisadores em antropologia social têm focalizado a originalidade das sociedades indígenas das planícies baixas da América do Sul na elaboração rica da noção de pessoa, com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico. Esta reflexão indígena sobre a corporalidade tem sido privilegiada na elaboração das suas cosmologias, o corpo ocupando uma posição central na visão que essas sociedades têm da natureza do ser humano. As formas culturais de expressão corporal indígenas se remetem à importância da corporalidade, nos rituais, danças, cantos etc. A interface da dança ocidental com as expressões corporais indígenas oferece uma fonte riquíssima para iniciar um diálogo entre expressões de dança ocidental e as sociedades indígenas, com a possibilidade de conduzir à uma valorização das expressões culturais indígenas, desprezadas ao longo de 500 anos de contato interétnico violento contra os povos indígenas, e à colocação destas expressões culturais indígenas em pé de igualdade com as expressões ocidentais de dança como grandes obras de arte em outros idiomas culturais.

Seeger, A.; Da Matta, R.; e Viveiros de Castro, E., 1979. A construção da pessoa nas sociedades indígenas. Boletim do Museu Nacional, Antropologia, No. 32, maio de 1979, Nova Série, Rio de Janeiro. pp.2-19.

Stephen G. Baines,
Departamento de Antropologia, UnB



"Os velhos dizem que enquanto tiver canto e dança na aldeia não vai ter miséria e nós dançamos para alegrar os velhos"

Wéréé it'Sirobó

Cacique da aldeia Nossa Senhora da Guia
representante do Instituto Indígena

TSERETOMODZATSÉ XAVANTE

**"Com o sono eu sonho, durmo e sonho.
Os outros vão cantando.
Eu sonho para tornar felizes os outros
que cantarão meu sonho.
Outros cantam no sonho
E eu durmo e sonho o que outros
cantarão."**

Explicação Xavante para a origem do canto
Giaccaria, Bartolomeu & Heide, Adalberto. Xavante - Auwê
Uptabi: Povo Autêntico. Editorial Dom Bosco, 1972, p.257



He'eho (a festa dos espíões guerreiros)- Os guerreiros dançam a cada sete anos, para tomar posse do cargo de espião/guardião, ou seja, nessa dança ritual é executada na troca da guarda, a passagem de poder dos antigos guerreiros aos novos. Na entoação do canto é dada a permissão para a procura do infrator, do invasor. Eles dançam no centro da aldeia e em frente as casas.

Uiwedenho're (a dança da tora de Buriti)- geralmente essa dança é realizada na primavera, e é a comemoração coletiva da corrida do Buriti, na qual é amenizado o sentimento de derrota do grupo não vencedor da corrida, sendo executada por homens e mulheres.

Wanoridóbe (a dança da iniciação)- Dança realizada por padrinhos e madrinhas durante todo o dia e de madrugada, em troca eles recebem enfeites e presentes dos adolescentes.

Datsipadô (a festa religiosa da cura)- A festa religiosa da cura é realizada uma vez por ano, no final das chuvas. Os xavantes reunidos, só homens, dançam para reunir forças na cura dos doentes, e para retirar os maus espíritos, os quais ficam deitados no centro da aldeia.

Wai'a'rãpó (celebração da cabeça inclinada)- Essa dança é apresentada no final da cerimônia de furação de orelha, ela é dançada pelos adolescentes (rapazes e moças). Sua função é aumentar o poder espiritual desse grupo.

Datsiwai'ô (canto de nomeação das mulheres)- Nessa festa há a nomeação das mulheres, as quais mantém um estreito contato com os cunhados.

Uiwededzada'rã (o buriti de lábio preto)- Adolescentes e padrinhos dançam após carregarem o tronco de Buriti, em seguida dançam até o pôr do sol.

Dadzarõnõ (dança dos adolescentes)- Essa dança é executada em frente a todas as casas da aldeia, sendo que adolescentes e padrinhos começam a dança por um lado e os rapazes dançam o giro pela aldeia em sentido contrário.

Hu (a festa da onça)- Luta metafórica entre a energia da onça e a de outros animais como as aves. Nessa dança comemora-se a natureza dos animais, ela é realizada principalmente para a diversão do grupo e exercícios de ataques.

Tsa'uri'wa/tsa'urinho're (canto de corrida)- Essa é a última dança executada pelos adolescentes no final da cerimônia de furação da orelha, depois dessa dança ele é apresentado à sua futura namorada.

Dahipopo (dança da noite)- Essa dança é executada pelos homens em círculo, em frente as casas, para mostrar a força dos grupos.

Tebe (adoradores da lua)- Essa dança ritual, assim como os Pahöri'wa é executada por dois dançarinos escolhidos, só que do clã oposto öwawe (grande rio), os quais terão o cargo de pontífices da aldeia, cargo espiritual bastante elevado, cujo assobio chama as bênçãos e a fertilidade da lua para as casas através do broto de Buriti.



DANÇAS XAVANTES

Cantos, pinturas e danças xavantes fazem parte de uma mesma expressão de alegria e educação psico-física durante os vários ritos da comunidade, principalmente os preparatórios do Danhono (festa de iniciação), com músicas compostas principalmente pelos Danohuy'wa (membros do clã que têm orelhas furadas, e já são padrinhos) para os Wapté (adolescentes). Os esforços corporais e vocais apresentados refletem sobremaneira não só a expressão fundamental de alegria íntima e otimismo em relação à vida como também a configuração necessária à manutenção e sobrevivência da unidade coletiva. Essas práticas desenvolvem tanto a resistência masculina quanto a feminina, nas suas várias faixas etárias, no espírito do guerreiro, preparando os batedores, guardiões da aldeia.

A princípio o que nos é relatado é que as criações coreográficas propriamente ditas, ou seja, toda a movimentação corporal, assim como a pintura ritual foi idealizada pelos primeiros xavantes, entre os quais encontra-se TSERETOMODZATSE, (origem ancestral dos aldeados de Nossa Senhora da Guia), postos em fuga, afugentados pelos Waradzu, provavelmente como estratégia de manutenção da identidade do grupo e como exercício de resistência guerreira. Em geral as letras dos cantos que acompanham os movimentos são sempre inspirados por Sonhos Silenciosos, em um processo bastante surrealista de composição, embora o ritmo permaneça o mesmo junto com o movimento, e são sempre novos à cada cerimônia, resultado das visões íntimas dos Danohuy'wa ou dos Ritey'wa (rapazes de orelhas furadas mas que não são padrinhos), como no caso da dança Dadzarõnõ.

Em um linhas gerais pode-se definir as danças apresentadas neste programa como:

Pahõri'wa (adoradores do sol)- Dança ritual realizada por duas pessoas do clã pò'redzaònõ (girino), cujos movimentos despertam as bênçãos do sol para a comunidade, trazendo o poder de luta. A coreografia é executada inicialmente de joelhos, sempre evoluindo com o olhar direcionado ao lugar do sol nascente e poente. Só os mais sensatos se tornam Pahõri'wa, os insensatos são afastados do cargo. Essa dança abre as cerimônias e é executada no centro da aldeia.



reforçar também o respeito mútuo que deve existir entre todas as sociedades do mundo.

Sandra Wellington

Coordenadora do Memorial dos Povos Indígenas

FUBRA

"A FUBRA cônica de sua responsabilidade social vem apoiando atividades nas mais variadas vertentes do conhecimento humano, inclusive no desenvolvimento de projetos que agregam forte apelo social. Nesta oportunidade destacamos o projeto Dança da Guerra do Povo Xavante, o qual tem como fulcro a divulgação da cultura da comunidade Xavante. A FUBRA tem como finalidade apoiar as atividades inerentes ao ensino, à pesquisa, à extensão e à cultura, ao desenvolvimento institucional, científico e tecnológico de interesse das instituições federais de ensino, colaborar com ações governamentais e privadas de interesse da sociedade, bem como interagir e cooperar com outras entidades congêneres. Neste sentido, o apoio ao projeto em questão está plenamente inserido no contexto de prioridades da Fundação."

Edeijavá Rodrigues Lira

Diretor-Presidente da FUBRA

"Felicitos a professora Soraia pela iniciativa original de buscar o diálogo entre as expressões corporais indígena e ocidental. Essa possibilidade oferece nova oportunidade de encontro cultural e da compreensão das raízes do Brasil."

Timothy Martin Mulholland

Vice-Reitor da Universidade de Brasília

"Nos usos e costumes, na pintura corporal, na preservação da língua materna e, principalmente, nos cantos e danças o povo Xavante mantém-se um povo Auw? Uptabi (povo verdadeiro)."

Cláudio Romero

Antropólogo e ex-presidente da Funai

CAIXA



Já disse um Cacique Xavante certa vez, em São Paulo: "brancos e índios não se entenderam no passado porque não falavam a mesma língua. Agora o branco dança para o índio e o índio dança para o branco e o entendimento acontece. A dança é linguagem universal, todos entendem, e promoverá a harmonia".

A CAIXA sente-se honrada em participar deste projeto tão importante na pesquisa e prosseguimento deste entendimento, ainda de tão novo contato, embora já com uma história de mais de 500 anos.

Caixa Econômica Federal

MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

O Memorial dos Povos Indígenas tem como objetivo demonstrar a dinâmica da cultura indígena em suas variedades de formas; seja com exposições de peças e imagens sobre a vida nas aldeias ou incentivando eventos com a participação ativa de diferentes grupos indígenas, cada um com suas características e identidade cultural.

Desde a época dos primeiros contatos, a cultura indígena deste País tem cativado a imaginação de gerações de viajantes e pesquisadores e, em tempos mais recentes, vem servindo como fonte de inspiração para escritores, romancistas e artistas, como Soraia Maria Silva, dançarina profissional e Coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volúcia CEN/IdA/UnB e do evento Dança da Guerra Tseretomodzatsé Xavante, apresentado hoje no Memorial dos Povos Indígenas pelo Cacique Wéréé it'Sirobó e membros da Aldeia Nossa Senhora da Guia/MT.

Apesar dos novos avanços da tecnologia e das vantagens materiais oferecidas pela nossa vida moderna, parece que cada vez mais queremos sentir os elementos do nosso mundo natural; de ouvir o canto do vento soando no ar, de pisar na terra com pés descalços ou de renovar nossas energias com a água do mar. Por isso, é possível nos identificar com os rituais dos povos indígenas, que utilizam as mesmas forças da Natureza que movimentam todas as sociedades do mundo e que unem a família humana dentro de nossas grandes diversidades.

A expressão corporal é um elemento fundamental na realização de rituais sociais. A apresentação Dança da Guerra Tseretomodzatsé Xavante demonstra a relevância de uma



expressão coletiva que é criada por meio da força e contribuição individual de cada participante. Este evento é uma oportunidade de conhecer algo mais sobre a cultura milenar do povo Xavante e de





Jatobás, Sucupiras, Ipês, viram carvão diariamente, para alimentar indústrias espalhadas pelo país. A soja, grande vilã, aparece como responsável por grande parte do desmatamento na região, como também a ocupação desordenada do solo com o avanço das cidades em direção às Unidades de Conservação. Com isso o equilíbrio do ecossistema se vê ameaçado e com ele a riqueza natural do Cerrado, que abriga mais de 10.000 espécies de plantas, sendo 4.000 endêmicas (que só existem na região) além das 837 espécies de aves, 161 de mamíferos, 150 de anfíbios e 120 de répteis. Com o Cerrado subtraído da nossa paisagem perdemos também o saber popular, as tradições dos Povos do Cerrado.

O DESAFIO

Com trabalho educativo, a Gerência Executiva do Ibama no DF quer resgatar os conhecimentos tradicionais, a identidade cultural dessas populações, buscando a integração entre o saber popular e o conhecimento científico. O objetivo é resgatar esses conhecimentos ,com práticas sustentáveis de uso da natureza a partir da relação entre a diversidade biológica e a cultural, garantindo às comunidades envolvidas os direitos sobre seu conhecimento e o livre acesso aos recursos naturais.

FLORESTA NACIONAL DE BRASÍLIA UMA OPÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

A área da Floresta Nacional de Brasília - FLONA/BSB, criada em junho de 1999, foi reflorestada na década de 70 com o objetivo de se criar um cinturão verde de proteção ambiental em Brasília que assegurasse a preservação dos mananciais, resguardando também o Parque Nacional de uma provável proximidade com a periferia urbana, o que poderia causar um processo de degradação ambiental naquela unidade de conservação.

A Floresta Nacional de Brasília é composta por 4 áreas disjuntas nas proximidades de Taguatinga, Ceilândia e Brazlândia, com área total de pouco mais de 9 mil hectares. Na FLONA/BSB estão localizados mananciais e áreas de recarga de aquíferos responsáveis pelo abastecimento de água de cerca de 70% da população do Distrito Federal. Além disso, a FLONA exerce a função de área Tampão do Parque Nacional de Brasília, asseg-

urando sua conservação. Associada a essa função, as belezas cênicas e o potencial produtivo, a FLONA podem tornar-se uma opção para o desenvolvimento sustentável com atividades voltadas ao ecoturismo e a exploração racional de seus recursos.

Francisco Palhares
Gerente executivo, Ibama-DF

O CERRADO PEDE SOCORRO

Comunidades tradicionais, indígenas, ambientalistas, entre outras tantas vozes, fizeram ecoar pela Esplanada dos Ministérios, em 2004, um pedido de socorro para o Cerrado, para incluí-lo na Constituição Brasileira como patrimônio natural.

O mito de que Cerrado é terra disponível e não serve para nada, já fez diminuir a cobertura vegetal num ritmo de 2,2 milhões de hectares por ano, segundo levantamentos da Conservação Internacional /Brasil. Estão fora do alcance das ações predatórias apenas os 3% relativos às áreas de preservação, mas, cercadas por pequenas e médias propriedades, que impedem o trânsito dos animais e a dinâmica do ecossistema.

HOMEM E NATUREZA COMPÕEM UM MESMO ECOSISTEMA

Só no Cerrado do Mato grosso, existem mais de 35 etnias distintas, em 52 terras indígenas. Entre os mais conhecidos destacam-se os povos da família Bororo, Karajá, Rikbaktsa, Jê (povos Xavante, Suyá e Panará), da família Karib (povos Bakairi, Kalapalo, Kuikuru, Matipu, Nahukwá e Txikão), Tup Guarani (povos Tapirapé, Kamayura, Kayabi e Apiaká), da famílias Tupi Monde (povos Cinta Larga, Surui e Zoró), da família Aruak (povos Yawalapiti, Paresi e Enawene-Nawê) e da família Nambikwara. Trata-se de imensa sociodiversidade, traduzida pela riqueza do Bioma Cerrado.

NÃO HÁ PRESERVAÇÃO SEM OS POVOS DO CERRADO

Ouviu-se o grito do cerrado, do solo, das águas, das chapadas e das veredas, ouviu-se o grito das plantas e dos animais, mas, é preciso ouvir também o grito dos povos do Cerrado que são obrigados a abandonar suas terras.

A devastação acelerada desse ecossistema, inclui a destruição dos seus Povos, a exemplo dos indígenas, das economias camponesas e agroextrativistas, suas tradições. Há destruição do patrimônio de biodiversidade desse

BIOMA E COMPROMETIMENTO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DO PAÍS.

Os dados levantados por diversas organizações ambientais não deixam dúvidas de que se algo não for feito para conter o processo de degradação, o pouco que resta da cobertura vegetal poderá ser só uma lembrança em 2030. No total o Cerrado já perdeu 57% da sua área.



Dança Ritual Xavante com a participação da comunidade da Aldeia Nossa Senhora da Guia representada por:

- 1- João Bosco Tsere'rurã Bududitu
- 2- Jucelino Tserema'aru'awe
- 3- Pedro Tserenhibru
- 4- José Ivan Padzawere ahutu'õ
- 5- Lourival Tsereba'u
- 6- Alvaro Jonas Tsereteme
- 7- Norberto Tserewadzu tsaéomowa
- 8- Dorival Tserewede
- 9- Maria Enilde wa'utomodzanitsu'u'õ
- 10- Dinis Haima Tseredzê
- 11- Lucas wa'õmorã
- 12- Jose Robri Umnhate
- 13- Melquiades Pariuptewawe Parameiwa
- 14- Liberato wahutu'õ
- 15- Clodoaldo Bududitu
- 16- Maria Das Nevestsinhotseeduri'õ
- 17- Maria Regiane Penhoawe
- 18- Gilberto tsowabdze
- 19- Romano Tserodza'adze

- 20- Benjamim Tseredzadzub'a
- 21- Jussara Pedzaprê
- 22- Railda Pewã
- 23- Alcione wa'aiho Tseredze
- 24- Judite Ro'odzub'õ Uratsê
- 25- Franciele ba'otodzerenhiawe Tserepanhipti
- 26- Cecília Rewaptu
- 27- Rafael Wederoowa Wéréé
- 28- Wéréé it'Sirobó

Participação da bailarina: Soraia Maria Silva

Locução: Jucelino Tserema'aru'awe

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral em Brasília: **Soraia Maria Silva**

Coordenação dos dançarinos Xavantes: **Wéréé it'Sirobó**

Video: **Ricardo Araújo**

Fotografia: **Soraia Maria Silva e Cristiano Zenaide Paiva**

Assessoria: **Cristiano Zenaide Paiva**

Projeto Gráfico: **Jansen Lira Rojas**

Monitores: **Ana Paula Sabino**

Rafael Wéréé

Rebeca Abdo

Rafael Tupinambá

Tahiba Melina

Cibercenários: **Tania Fraga** (Memórias da Terra, Guardiã da Terra, Saudades, Semeando, Germinando, Renascendo, Metamorfose)

Apoio Técnico: **Elizabeth Tenório**

Glauco Maciel

Iluminação: **Carlos Tomazzol**





PROGRAMA

1- Universidade de Brasília

18/04/2005 - 11:30

Teatro Elena Barcelos, Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Asa Norte

Informações: 307-2657

Pahöri'wa (adoradores do sol)
He'ého (a festa dos espíões guerreiros)
Uiwedenho're (a dança da tora de Buriti)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

2- Conjunto Cultural da Caixa e Funai

19/04/2005 - 10:30

Conjunto Cultural da Caixa, SBS Q. 04, lote 3/4, Anexo do Ed. Sede Matriz, 4o andar

Informações: 414-9452 / 414-9447 / 224-8856

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Datsipadó (a festa religiosa da cura)
Wai'a'rãpó (celebração da cabeça inclinada)
Datsiwai'õ (canto de nomeação das mulheres)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

3- Memorial dos Povos Indígenas

20/04/2005 - Manhã e tarde, performance constantes.
Eixo Monumental Oeste, Praça do Buriti

Informações: 226-5206

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Uiwededzada'rã (o buriti de lábio preto)
Dadzarõñõ (dança dos adolescentes)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

4- Floresta Nacional- IBAMA/DF

22/04/2005 - 11:00

BR 070/km 0,3, Taguatinga

Informações: 3035-3495 / 3034-5724

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Hu (a festa da onça)
Tsa'uri'wa/tsa'urinho're (corrida)
Dahipopo (dança da noite)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

O CERRADO PEDE SOCORRO

Comunidades tradicionais, indígenas, ambientalistas, entre outras tantas vozes, fizeram ecoar pela Esplanada dos Ministérios, em 2004, um pedido de socorro para o Cerrado, para incluí-lo na Constituição Brasileira como patrimônio natural.

O mito de que Cerrado é terra disponível e não serve para nada, já fez diminuir a cobertura vegetal num ritmo de 2,2 milhões de hectares por ano, segundo levantamentos da Conservação Internacional /Brasil. Estão fora do alcance das ações predatórias apenas os 3% relativos às áreas de preservação, mas, cercadas por pequenas e médias propriedades, que impedem o trânsito dos animais e a dinâmica do ecossistema.

HOMEM E NATUREZA COMPÕEM UM MESMO ECOSISTEMA

Só no Cerrado do Mato grosso, existem mais de 35 etnias distintas, em 52 terras indígenas. Entre os mais conhecidos destacam-se os povos da família Bororo, Karajá, Rikbaktsa, Jê (povos Xavante, Suyá e Panará), da família Karib (povos Bakairi, Kalapalo, Kuikuru, Matipu, Nahukwá e Txikão), Tup Guarani (povos Tapirapé, Kamayura, Kayabi e Apiaká), da famílias Tupi Monde (povos Cinta Larga, Surui e Zoró), da família Aruak (povos Yawalapiti, Paresi e Enawene-Nawê) e da família Nambikwara. Trata-se de imensa sociodiversidade, traduzida pela riqueza do Bioma Cerrado.

NÃO HÁ PRESERVAÇÃO SEM OS POVOS DO CERRADO

Ouviu-se o grito do cerrado, do solo, das águas, das chapadas e das veredas, ouviu-se o grito das plantas e dos animais, mas, é preciso ouvir também o grito dos povos do Cerrado que são obrigados a abandonar suas terras.

A devastação acelerada desse ecossistema, inclui a destruição dos seus Povos, a exemplo dos indígenas, das economias camponesas e agroextrativistas, suas tradições. Há destruição do patrimônio de biodiversidade desse

BIOMA E COMPROMETIMENTO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DO PAÍS.

Os dados levantados por diversas organizações ambientais não deixam dúvidas de que se algo não for feito para conter o processo de degradação, o pouco que resta da cobertura vegetal poderá ser só uma lembrança em 2030. No total o Cerrado já perdeu 57% da sua área.





Jatobás, Sucupiras, Ipês, viram carvão diariamente, para alimentar indústrias espalhadas pelo país. A soja, grande vilã, aparece como responsável por grande parte do desmatamento na região, como também a ocupação desordenada do solo com o avanço das cidades em direção às Unidades de Conservação. Com isso o equilíbrio do ecossistema se vê ameaçado e com ele a riqueza natural do Cerrado, que abriga mais de 10.000 espécies de plantas, sendo 4.000 endêmicas (que só existem na região) além das 837 espécies de aves, 161 de mamíferos, 150 de anfíbios e 120 de répteis. Com o Cerrado subtraído da nossa paisagem perdemos também o saber popular, as tradições dos Povos do Cerrado.

O DESAFIO

Com trabalho educativo, a Gerência Executiva do Ibama no DF quer resgatar os conhecimentos tradicionais, a identidade cultural dessas populações, buscando a integração entre o saber popular e o conhecimento científico. O objetivo é resgatar esses conhecimentos ,com práticas sustentáveis de uso da natureza a partir da relação entre a diversidade biológica e a cultural, garantindo às comunidades envolvidas os direitos sobre seu conhecimento e o livre acesso aos recursos naturais.

FLORESTA NACIONAL DE BRASÍLIA UMA OPÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

A área da Floresta Nacional de Brasília - FLONA/BSB, criada em junho de 1999, foi reflorestada na década de 70 com o objetivo de se criar um cinturão verde de proteção ambiental em Brasília que assegurasse a preservação dos mananciais, resguardando também o Parque Nacional de uma provável proximidade com a periferia urbana, o que poderia causar um processo de degradação ambiental naquela unidade de conservação.

A Floresta Nacional de Brasília é composta por 4 áreas disjuntas nas proximidades de Taguatinga, Ceilândia e Brazlândia, com área total de pouco mais de 9 mil hectares. Na FLONA/BSB estão localizados mananciais e áreas de recarga de aquíferos responsáveis pelo abastecimento de água de cerca de 70% da população do Distrito Federal. Além disso, a FLONA exerce a função de área Tampão do Parque Nacional de Brasília, asseg-

urando sua conservação. Associada a essa função, as belezas cênicas e o potencial produtivo, a FLONA podem tornar-se uma opção para o desenvolvimento sustentável com atividades voltadas ao ecoturismo e a exploração racional de seus recursos.

Francisco Palhares
Gerente executivo, Ibama-DF



PROGRAMA

1- Universidade de Brasília

18/04/2005 - 11:30

Teatro Elena Barcelos, Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Asa Norte

Informações: 307-2657

Pahöri'wa (adoradores do sol)
He'ého (a festa dos espíões guerreiros)
Uiwedenho're (a dança da tora de Buriti)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

2- Conjunto Cultural da Caixa e Funai

19/04/2005 - 10:30

Conjunto Cultural da Caixa, SBS Q. 04, lote 3/4, Anexo do Ed. Sede Matriz, 4o andar

Informações: 414-9452 / 414-9447 / 224-8856

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Datsipadó (a festa religiosa da cura)
Wai'a'rãpó (celebração da cabeça inclinada)
Datsiwai'õ (canto de nomeação das mulheres)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

3- Memorial dos Povos Indígenas

20/04/2005 - Manhã e tarde, performance constantes.
Eixo Monumental Oeste, Praça do Buriti

Informações: 226-5206

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Uiwededzada'rã (o buriti de lábio preto)
Dadzarõñõ (dança dos adolescentes)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

4- Floresta Nacional- IBAMA/DF

22/04/2005 - 11:00

BR 070/km 0,3, Taguatinga

Informações: 3035-3495 / 3034-5724

Pahöri'wa (adoradores do sol)
Hu (a festa da onça)
Tsa'uri'wa/tsa'urinho're (corrida)
Dahipopo (dança da noite)
Wanoridóbe (a dança da iniciação)
Tebe (adoradores da lua)

Dança Ritual Xavante com a participação da comunidade da Aldeia Nossa Senhora da Guia representada por:

- 1- João Bosco Tsere'rurã Bududitu
- 2- Jucelino Tserema'aru'awe
- 3- Pedro Tserenhibru
- 4- José Ivan Padzawere ahutu'õ
- 5- Lourival Tsereba'u
- 6- Alvaro Jonas Tsereteme
- 7- Norberto Tserewadzu tsaéomowa
- 8- Dorival Tserewede
- 9- Maria Enilde wa'utomodzanitsu'u'õ
- 10- Dinis Haima Tseredzê
- 11- Lucas wa'õmorã
- 12- Jose Robri Umnhate
- 13- Melquiades Pariuptsewawe Parameiwa
- 14- Liberato wahutu'õ
- 15- Clodoaldo Bududitu
- 16- Maria Das Nevestsinhotseeduri'õ
- 17- Maria Regiane Penhoawe
- 18- Gilberto tsowabdze
- 19- Romano Tserodza'adze

- 20- Benjamim Tseredzadzub'a
- 21- Jussara Pedzaprê
- 22- Railda Pewã
- 23- Alcione wa'aiho Tseredze
- 24- Judite Ro'odzub'õ Uratsê
- 25- Franciele ba'otodzerenhiawe Tserepanhipti
- 26- Cecília Rewaptu
- 27- Rafael Wederoowa Wéréé
- 28- Wéréé it'Sirobó

Participação da bailarina: Soraia Maria Silva

Locução: Jucelino Tserema'aru'awe

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral em Brasília: **Soraia Maria Silva**

Coordenação dos dançarinos Xavantes: **Wéréé it'Sirobó**

Video: **Ricardo Araújo**

Fotografia: **Soraia Maria Silva e Cristiano Zenaide Paiva**

Assessoria: **Cristiano Zenaide Paiva**

Projeto Gráfico: **Jansen Lira Rojas**

Monitores: **Ana Paula Sabino**

Rafael Wéréé

Rebeca Abdo

Rafael Tupinambá

Tahiba Melina

Cibercenários: **Tania Fraga** (Memórias da Terra, Guardiã da Terra, Saudades, Semeando, Germinando, Renascendo, Metamorfose)

Apoio Técnico: **Elizabeth Tenório**

Glauco Maciel

Iluminação: **Carlos Tomazzol**



AGRADECIMENTOS

Gustavo Luiz Pacheco; Lauro Morhy; Timothy Martin Mulholland; Cristiano Zenaide; Sandra Wellington; Mery Lucy Souza; Sônia Schuitek; Edeijavá Rodrigues Lira; Maria Lúcia de Siqueira Ferreira Gomes; Ricardo Araújo; Aldeia Nossa Senhora da Guia em Barra do Garça; Sandra Rodrigues; Stephen G. Baines; Viviane Vieira Coutinho Sabino; Reinaldo Vieira; Isabella Madeira; Marcus Mota; Café da Rua 8.

Pahori'wa (boto dzawere'wa) Imanhari'wa hã Po'redza'ötötsi dure itsitseptsi, dahi'rãti tsada datsimatsi boto putsidzem'niwiptsi rom'madoodzaha. **He'eho** (Datsiwa'ubure I'rehi' maha) I'rehi nõri ubure damadõ'õ'wa rówatsété dzöhã te're hoimana dza'ra. Datsiwa uburé na te date datsima're reme i'rada dza itema ame tire titsi aba'redzhã. **Uiwedenhõ're** - Uiwede te're hõimana tã'i'rówiptsi, hõ'amõ na te ama 're datsi'wapé dure dza ótó tsi'uiwa na tsiwaptsi uiwedenhõ're na. Wanaridóbe (Dató na 'ratadzé) Danhõhui'wa te're tsitedzé dza'ra tinhim'nhõhu nhimrõ udõ na wamhã te tsenhere 're tsitedzé dza'ra, mararé duré hõiwahõ õne'u'õtsi i'rãtsutu'upetse. Datsipado (Datsiwa uburé itsep'u'ú petsedzé) Dahõdzé pìre 're putsimonõm'hã, datsipado te tsada 're hõimana rómhõtsipetseseré hã, danhimi dzadze date nãtsi 're dahõimana dza'ra monõré hã te itsepuhã date're petse dza'ra. **Wai'a'rãpõ** - Herói'wa nõri duré itsi pi'õ, wamhõrõrè wairébé pari tedza, tih'wa tsiréhã wai'a'rãpõ naha tidzadawa'a'a tsimit-sutu. **Datsiwai'õ** - Datsiwai'õ'õ ama te datsidaimama titsi dana te're tsani dza'ra tõ ohã tedza u're i'rata tsi'rene dahã. **Uiwededzadã'rã** - Herói'wa tinhõrõwahawí tsahutuwi tedza tinh'ub'ra tsa'ra taha pari dza ótó uiwededzadã'rã dzõ hã imorí'rada dama apidzari dza-hurè tinhõhui'wa wamreme uhã te wabdzuriwi dza ótó itsõhui'wa tama tinh're. **Dadzarõnõ** (Wapté tsi'renedze) Danhõhui'wa te wapté ma 're tsõ're dadzarõtõ naha mararé nhere te ama 're hõiwahõ. **Hu** - Aha dató na te abadze nori date 're tsidzutsi dza'ra pirenhere. **Tsa'uri'wa** (Dató 'rã tsutudzé) Ame tedza dahi'wa tinhimi uptsõ uprótsi iwatsutu naha. **Dahipópõ** (Mara nhõ're) Hõ tsi'uiwana te duré 're hõimana mara nhõ're hã. **Tébé** - Ihõimana dzé hã mara na hõiwahõ tedza tinem'na ama na'rata dzahurè mararetsi tedza tsahoridzahurè.

